

VULGO GRACE: A AMBIGUIDADE DA PERSONAGEM FEMININA DO ROMANCE DE MARGARET ATWOOD

ALIAS GRACE: THE AMBIGUITY OF THE FEMALE CHARACTER IN MARGARET ATWOOD'S NOVEL

CAPTIVE: L'AMBIGUITÉ DU PERSONNAGE FÉMININ DANS LE ROMAN DE MARGARET ATWOOD

Elis Regina Fernandes Alves[i]

Ana Beatriz Santos Braz[ii]

RESUMO

Neste trabalho, analisou-se a protagonista do romance Vulgo Grace (1996), de Margaret Atwood; nessa análise, verifica-se como essa personagem subverte algumas ideologias sexistas como recurso de subsistência. O trabalho tem como base as teorias feministas para o levantamento bibliográfico acerca do papel da mulher na sociedade e na literatura e das lutas por igualdade desde o século XVIII, apoiando-se em autoras como Woolf (2014), Beauvoir (1970), Showalter (2014), entre outras. Verificou-se como o sexismo potencializa a marginalização feminina, de acordo com seu comportamento na sociedade. Grace afirma não se lembrar do assassinato, porém, sua personalidade dúbia coloca em dúvida sua inocência ou culpa. A personagem era inferiorizada por ser mulher, pobre e, em tese, criminosa, sendo silenciada e tendo seu direito de defesa roubado pelo tribunal. Atwood promove uma reflexão acerca das mulheres da época, diante de uma sociedade que as inferiorizava, ao ponto de condenar uma mulher mesmo não havendo provas suficientes contra ela. Diante disso, Grace utiliza sua ambiguidade para confundir seu entrevistador e se proteger do sexismo que a cerca.

Palavras-chave: Crítica literária feminista. Vulgo Grace. Dubiedade.

ABSTRACT

In this work, It was analyzed the protagonist of the novel Vulgo Grace (1996), of Margaret Atwood, analyzing how this character subverts some sexist ideologies as means to survive. We approached feminist theories to the bibliographic survey about woman's role in society and in literature, and how the struggles for equality occurred since the XVIII century until nowadays, with authors such as Woolf (2014), Beauvoir (1970), Showalter (2014) and others. It is noticed how the sexism potentializes woman's marginalization according to her behavior in society. Grace assures she does not remember the murder, however, the dubiousness of this character puts her innocence or guilt in doubt. The character was downgraded because she was a woman, poor and, in theory, a criminal, so she was silenced and her right to be defended was stolen in the trial. Atwood promotes a reflection about women at that time, who faced a society that downgraded and silenced the female sex, even condemning a woman without evidences. Therefore, Grace uses her ambiguity to confuse her interviewer and to protect herself against the sexism that surrounds her.

Keywords: Feminist literary criticism. Vulgo Grace. Dubiousness.

RÉSUMÉ

Dans ce travail, le protagoniste du roman Captive (1996), de Margaret Atwood, a été analysé, vérifiant comment cette personnage subvertit certaines idéologies sexistes comme moyen de subsistance. Nous nous appuyons sur des théories féministes pour l'enquête bibliographique sur le rôle des femmes dans la société et dans la littérature et les luttes pour l'égalité depuis le XVIIIe siècle, on nous soutient avec des auteurs tels que Woolf (2014), Beauvoir (1970), Showalter (2014), et autres. Il a été vérifié comment le sexisme renforce la marginalisation des femmes, en fonction de leur comportement dans la société. Grace prétend ne pas se souvenir du meurtre, mais sa personnalité douteuse remet en question son innocence ou sa culpabilité. La personnage a été déclassée pour être une femme, pauvre et, en théorie, criminelle, avoir été réduite au silence et avoir vu son droit de défense volé par le tribunal. Atwood promeut une réflexion sur les femmes de l'époque, face à une société qui les a rendues inférieures, au point de condamner une femme alors même qu'il n'y avait pas assez de preuves contre elle. Compte tenu de cela, Grace utilise son ambiguïté pour confondre son intervieweur et se protéger du sexisme qui l'entoure.

MOTS CLÉS: Critique littéraire féministe. Captive. Dubiety.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objeto de estudo o romance da canadense Margaret Atwood, *Vulgo Grace*, publicado em 1996, que consiste na ficcionalização literária de uma história real. Em 1843, Thomas Kinnear e sua governanta e amante Nancy Montgomery foram assassinados no Canadá. Na busca pelos culpados do crime, verificou-se que os serviçais da residência do sr. Kinnear, Grace Marks e James McDermott, haviam fugido. Pouco tempo depois, eles foram capturados pela polícia em Lewiston, Nova Iorque, trazendo consigo os pertences dos assassinados. Diante dos indícios, Grace relatou não se recordar dos fatos do crime, enquanto McDermott teve sua participação direta comprovada pela justiça. Embora Grace não tenha sido comprovadamente uma das assassinas do casal, ambos foram julgados igualmente e condenados à morte. Após a execução de McDermott, Grace teve sua sentença reduzida para prisão perpétua. O romance de Atwood tenta remediar uma nova versão de Grace Marks: ainda que de maneira fictícia, a ex-empregada doméstica tem a oportunidade de dar sua própria versão dos fatos, uma vez que ela teve seu direito de resposta roubado pelo tribunal, na época do julgamento. Esse local de fala é possível através da figura de um médico que entrevista Grace, com a expectativa de que a memória dela seja recuperada.

Nesse contexto, o objetivo principal do trabalho é analisar a protagonista do romance, considerando que se trata de uma personagem multifacetada, que, ao narrar sua própria história, apresenta traços de personalidade ambíguos, atributos que ela utiliza como uma arma de autodefesa do jugo severo da sociedade da época. Para a complementação da análise da caracterização da personagem principal, haverá, também, abordagens significativas acerca das demais personagens, uma vez que ocorre a interação de Grace com as demais figuras da obra, diante disso, verifica-se a necessidade de focar não apenas na protagonista, mas, também, em todas as figuras que nos permitem fazer um estudo mais completo e coerente sobre Grace Marks. Sendo

assim, outros personagens analisados são as figuras masculinas da obra, como o pai de Grace, o patrão Thomas Kinnear, os guardas do presídio e a relação que eles mantêm com Grace, o modo como a tratavam, com foco maior nas figuras femininas de Mary Whitney e Nancy Montgomery. Para tanto, é necessário abordar o papel da mulher na sociedade, verificando como ocorreu o processo de limitação da figura feminina nos espaços sociais; entender os primeiros movimentos feministas e quais eram as premissas na busca por igualdade entre os sexos, e discutir como o papel da mulher na sociedade refletiu diretamente na literatura, ocasionando em um atraso da escrita feminina, entendendo como, diante disso, posteriormente, a própria literatura se tornou um dos meios de denúncias sociais das desigualdades de gênero.

Para a produção deste trabalho, realiza-se um levantamento histórico crítico do papel da mulher ao longo dos séculos, utilizando autoras como: Wollstonecraft (2016), Matos e Soihete (2003), Beauvoir (1970), entre outras. Posteriormente, discute-se o que é o feminismo na literatura; as fases do feminismo literário; o que as feministas buscavam com sua escrita; quais os objetivos do feminismo na literatura. Para essa etapa do trabalho, serão utilizadas autoras como: Woolf (2014), Beauvoir (1970), Showalter (2014), entre outras. Após esse levantamento teórico, será realizado um estudo sobre o romance *Vulgo Grace*, com trechos da obra sendo utilizados para exemplificar a caracterização da protagonista Grace como uma personagem que tenta subverter ordens patriarcais a seu favor, além da própria verificação do romance como um exemplo da autoria feminina que figura uma protagonista feminina e faz refletir um período em que as mulheres eram ainda mais silenciadas do que hoje.

OS PAPEIS SOCIALMENTE ATRIBUÍDOS ÀS MULHERES

O poder de procriação da mulher é a maior característica da posição que ela ocupa na sociedade, pois foi por essa particularidade biológica que foram impostas as limitações para o sexo feminino. Ao contrário dessa prisão feminina, o homem criava mecanismos que o fizessem ser visto

em uma posição superior, deste modo, a figura masculina sempre foi colocada em uma posição de superioridade por suas conquistas e realizações, mas isso acontecia, geralmente, pela falta de oportunidades que o sexo feminino enfrentava, principalmente as mulheres de classe baixa, que necessitavam recorrer a um trabalho para obter o sustento da família, uma vez que elas não tinham uma família rica que lhes dessem estabilidade financeira e oportunizasse o que era comum para aquelas que pertenciam a uma classe social superior: casamento com um homem rico. O homem estava sempre sendo colocado à frente da mulher, independente de classe social, as mulheres estavam sempre ocupando o “baixo”, como se qualquer liberdade mínima dada às mulheres fosse um perigo, pois poderia abrir caminho para uma incessante busca por mais liberdade feminina (BEAUVOIR, 1970).

Para a mulher, beleza e inocência são características mais importantes e atraentes do que suas virtudes, por isso, elas são ensinadas desde cedo que sua função enquanto mulher não é pensar e criticar, mas se manterem belas para garantir grande parte de sua estabilidade de vida, pois era isso que atrairia os encantos dos homens. Wollstonecraft (2016) aborda a reprodução dos discursos sobre a mulher prezar pela sua feminilidade:

Desde a infância diz-se às mulheres, e elas aprendem pelo exemplo das mães, que um pouco de conhecimento da fraqueza humana, uma espécie de astúcia, um temperamento suave, uma obediência exterior e uma atenção escrupulosa a um conceito pueril de decoro farão com que elas obtenham a proteção do homem; e, se forem belas, todo o resto é desnecessário por, pelo menos, vinte anos de sua vida (p. 39).

Embora, anteriormente, esse estereótipo era mais frequente para mulheres pertencentes a uma família rica, pois não tinham que se preocupar com afazeres domésticas ou outros que necessitassem de certa rudeza, ainda hoje é comum que a mulher seja moldada da maneira em que o patriarcalismo deseja que ela se comporte no mundo. Primeiramente ela é preparada para se comportar como uma mulher – um ser inocente e angelical – posteriormente, ela é ensinada a ser esposa e mãe, e ainda que na sua infância ela não o tenha

conhecimento sobre essa imposição em sua vida, apenas pelo fato de ser mulher a maternidade é imediatamente imposta em seu caminho. No romance aqui analisado, embora a protagonista seja uma empregada doméstica, aspira ter a beleza da governanta, usar suas roupas, suas joias, pois sabia que isso a tornaria mais atraente.

A divisão de funções que ocorria entre os gêneros não estava associada ao domínio de cada um, mas foi uma construção histórica perpetuada pela sociedade a partir da percepção da diferença entre os sexos por fatores biológicos. A partir do momento em que a classe representante de um dos gêneros tem uma força física superior ao gênero oposto, ocorre a dominação de um sobre o outro. Bourdieu (2019) aborda essas questões de superioridade de gêneros:

As divisões constitutivas da ordem social e, mais precisamente, as relações sociais de dominação e de exploração que estão instituídas entre os gêneros se inscrevem, assim, progressivamente, em duas classes de *habitus* diferentes, sob a forma de hexis corporais opostos e complementares e de princípios de visão e de divisão, que levam a classificar todas as coisas do mundo e todas as práticas segundo distinções redutíveis à oposição entre o masculino e o feminino (p. 56).

Para Bourdieu, o termo *habitus* serve para classificar o comportamento das pessoas de uma sociedade a partir do momento em que o mundo passa a ser organizado pela maneira como a realidade é percebida. O *habitus* de um grupo social é reflexo da convivência, que possibilitou a construção de uma cultura social que afetou a mente dos participantes desse grupo e a maneira como eles passaram a visualizar e classificar o mundo a sua volta. Por isso, Grace Marks, por exemplo, sabe que como moça pobre, empregada que era, não podia aspirar ser vista como uma patroa e se indigna quando a governanta, Nancy, ousa agir como tal, vivendo na casa como amante do patrão. Sobre os gêneros, Bourdieu (2019) afirma:

Cabe aos homens, situados do lado do exterior, do oficial, do público, do direito, do seco, do alto, do descontínuo, realizarem todos os atos ao mesmo tempo breves, perigosos e espetaculares [...]

às mulheres, pelo contrário, estando situadas do lado úmido, do baixo, do curvo e do contínuo, são atribuídos todos os trabalhos domésticos, ou seja, privados e escondidos, ou até mesmo invisíveis e vergonhosos, como o cuidado das crianças e dos animais, bem como todos os trabalhos exteriores que lhes são destinados pela razão mítica [...] (p. 56).

Como visto na citação anterior, a razão mítica não dá espaço para que as mulheres incorporem outro comportamento, uma vez que seu mundo, limitado, não permite que se desvinculem do baixo e do invisível. Consequentemente, cada indivíduo incorpora essas razões míticas criadas pela sociedade, e passa a reproduzir esses discursos que são tomados como verdades para as próximas gerações. Grace não aceita que Nancy fuja dessa regra, se vista como patroa, aja como tal, e quer que a governanta desça ao nível que a sociedade lhe impõe.

As mulheres estavam habituadas a trabalhar sem uma remuneração justa, o que se evidencia no péssimo salário recebido por Grace e Mary, que trabalhavam arduamente e mal tinham folgas, mas, justamente no século XIX, marca-se a luta feminista por salários mais adequados na revolução industrial da França. Após muitas contestações da classe feminina contra as explorações que elas sofriam nas indústrias, foi aprovada em 1892, na França, uma lei que favorecia as mulheres em alguns aspectos trabalhistas (MATOS; SOIHETE, 2003). Além das manifestações por direitos trabalhistas, as mulheres também lutavam pelo direito ao voto, e o meio que elas encontravam para divulgar ao mundo suas reivindicações foram os jornais criados na metade do século XIX: “criaram-se jornais como *La Voix des Femmes* de Eugénie Niboyet, que em 1849 passou a ser chamar *L’Opinion des Femmes*, sob a direção de Jeanne Deroin. Nele se reivindicava o direito de voto e de elegibilidade das mulheres” (MICHEL, 1982, p. 55). Os jornais se tornaram aliados, que antes as mulheres não tinham, meios para denunciar as injustiças que a classe feminina sofria em todos os âmbitos sociais. Importa reforçar que as mulheres negras, infelizmente, não estavam contempladas nessa luta, sendo inferiorizadas dentro do

do próprio movimento sufragista, que não lutava pela mulher negra.

Em relação ao voto, as mulheres não tiveram facilidade para conquistar esse direito político. As principais manifestações ocorreram primeiramente na Inglaterra, França e Estados Unidos, a partir da segunda metade do século XIX, mas ainda que algumas mulheres fizessem protestos em frente às câmaras, as manifestações políticas femininas eram muito tímidas: “durante trinta anos o movimento permanecerá muito tímido, na França como na Inglaterra” (BEAUVOIR, 1970, p. 158). Mas foi com a proposta de restringir voto às divorciadas e celibatárias, que a questão do voto feminino começa a ganhar força, entretanto, como ocorreu durante toda a história, as mulheres que não seguiam as imposições patriarcais eram excluídas dos poucos privilégios dados à classe feminina, sendo assim, as celibatárias e as divorciadas não adquiriram esse direito de voto, sendo a maneira que a sociedade sexista encontrou de selecionar as mulheres que se submetiam às imposições machistas.

Assim, as restrições de atuação do gênero feminino se estendiam às mais diversas áreas, como a atuação na política, a participação na escola era muito restrita, sendo, também, muito difícil encontrar médicas, advogadas, entre outros papéis aos quais o homem tinha fácil acesso e as mulheres não; a escrita também era uma delas, como veremos a seguir. Desse modo, o objeto de estudo deste artigo se torna uma exemplificação da atuação das mulheres em variadas áreas da sociedade. Em Vulgo Grace, em momento algum são descritas mulheres fora dos padrões da época, sempre são classificadas da mesma forma, as mais pobres tinham que recorrer a um emprego para garantir a sobrevivência, enquanto as mais ricas tinham que preservar a beleza e a inocência para garantir um futuro decente ao lado de um marido que a escolhesse. Assim, não se minimiza aqui as dificuldades ainda maiores das mulheres negras, que foram marginalizadas dentro dos próprios movimentos feministas, que não incluíram pautas sobre a situação das escravas, e, depois, das mulheres negras livres, mas importa

salientar que este trabalho não contemplou a situação das mulheres negras, duplamente marginalizadas, pois a obra não figura nenhuma mulher negra.

A LITERATURA DE AUTORIA FEMININA E A CRÍTICA FEMINISTA

No século XIX, quando o romance entra em ascensão, as mulheres que tinham talento para escrever começaram a emergir em uma tradição literária feminina. Mesmo assim, as escritoras da época encontraram dificuldades para se desvencilhar das influências da tradição literária masculina, e seus livros ainda eram “[...] livros profundamente influenciados pelo ângulo de onde eram obrigadas a olhar o mundo” (WOOLF, 2017, p. 56). A tradição literária feminina foi delineada pelas mulheres de acordo com a maneira como estabeleceram suas lutas durante o tempo e espaço a que pertenciam; a escrita feminina não foi imediatamente aceita e, com um modelo de escrita pré-determinado, as autoras passaram por fases e por diferentes modos de descrever a figura feminina nas obras literárias, denominadas por Showalter (2014) como fase feminina, fase feminista e fase fêmea:

Neste livro, eu identifico a Fase Feminina como o período que engloba desde o aparecimento do pseudônimo masculino, nos anos 1840, até a morte de George Eliot, em 1880; a Fase Feminista como o período de 1880 até 1920, ou a conquista do voto; e a Fase Fêmea de 1920 até o presente, mas entrando em um novo estágio de autoconhecimento perto de 1960 (p. 11, tradução nossa[1]).

A fase feminina caracteriza-se pela representação das mulheres nas obras de forma ainda similar à escrita masculina, numa imitação do padrão masculino, trazendo os conflitos que rodeiam as mulheres da época: “[...] conflitos entre arte e amor, entre auto realização e dever” (SHOWALTER, 2014, p. 29, tradução nossa[2]). Esses conflitos estavam presentes na vida das mulheres da época, pois elas tinham que colocar em prática os papéis reservados a elas, ao mesmo tempo que tentavam criar uma identidade própria. Embora a figuração feminina ainda seguisse modelos patriarcais, as escritoras já tentavam figurar personagens que pudessem, minimamente, romper com certas ordens, desafiar certas regras. Grace

Marks parece figurar, em alguns momentos, uma personagem semelhante à dessa fase, ainda submissa, ainda imitando padrões de comportamento patriarcais.

Na segunda fase, denominada fase feminista, as escritoras passam a ter consciência de sua posição política, algo que nem sempre foi presente para as mulheres, pois durante grande parte da história, a mulher reproduzia as imposições patriarcais sem ter consciência da posição de inferioridade a qual ela estava submetida. Neste período, as obras literárias figuram protagonistas femininas à frente de seu tempo, exigindo direitos, se recusando ao casamento, se rebelando contra imposições paternas e patriarcais. Em certos momentos, Grace Marks sai da passividade típica das personagens femininas da fase anterior e parece se impor, principalmente se utilizando de um caráter ambíguo, para confundir seus ouvintes, como veremos adiante. Também houve o surgimento dos romances sensacionalistas, que figuravam personagens femininas ainda mais ousadas, que escandalizavam ao trair maridos, fugir de casa, exigir o divórcio, etc. Esta literatura, embora não figure dentre as de maior qualidade da época, abriu caminho para a alta literatura que seria produzida na fase fêmea (SHOWALTER, 2014).

Na virada do século, de 1880 a 1900, inicia-se uma importante fase na literatura feminina, denominada por Showalter (2014) de fase fêmea. As escritoras escreviam de acordo com o que vivenciavam, colocando em prática uma auto exploração feminina, nesse contexto, essa literatura refletia práticas cruéis que a cultura masculina exercia sobre as mulheres. O principal símbolo desta literatura era o quarto secreto de Jane Eyre. As mulheres construíram uma literatura cada vez mais feminina, mas, paradoxalmente, quanto mais feminina a literatura se tornava, menos ocorria a auto exploração das mulheres, ou seja, na maioria das vezes as obras não refletiam de fato aquilo que as escritoras vivenciavam, mas elas eram o reflexo do que as mulheres, em geral, vivenciavam. As obras buscavam explorar parte do íntimo feminino, as dúvidas e incertezas sobre o que é ser mulher, longe das imposições patriarcais. O romance de Atwood parece fazer sua

protagonista feminina oscilar entre as formas como as personagens femininas foram figuradas pela literatura ao longo dos séculos, e seu autoconhecimento parece aparecer quando ela sabe como confundir seus interlocutores para se proteger, pois entendeu seu lugar no mundo.

Para determinar essas fases da literatura de autoria feminina, Showalter desenvolveu pesquisas sobre as obras de escritoras pertencentes a diversas culturas e épocas, com o intuito de compreender como elas lidaram com a iniciativa de se tornarem escritoras profissionais e a recepção da sociedade perante essa atitude. A forma como as escritoras eram tratadas pela sociedade pelo fato de elas estarem exercendo uma profissão considerada inadequada para uma mulher influenciava diretamente nos modos de escrita das autoras, por isso Showalter (2014) delimitou que algumas obras literárias escritas por mulheres se enquadram nestas fases, entretanto, não são padrões de escrita classificados rigorosamente, mas, apenas uma forma para situar a sociedade sobre a evolução que ocorreu na história da mulher na literatura. Assim é que o romance de Atwood é visto como oscilante, sem se enquadrar em fases fixas, pois a autora parece propositadamente figurar uma personagem dúbia, oscilante, que reflete as personagens femininas de várias épocas.

Entretanto, ao longo dessa história da autoria feminina, houve um retrocesso nos estudos das mulheres “comuns”, pois as pesquisas em relação ao sexo feminino deixaram de focar na vida de mulheres que não tinham o prestígio que as grandes autoras da época tinham. Em relação a isso, Showalter (2014) argumenta que:

No passado, as investigações foram distorcidas pela ênfase em um grupo de elite, não apenas porque ele excluía de nossa atenção grandes nomes de atividade literária que se fixavam, por exemplo, George Eliot e Virginia Woolf, mas também porque tornou invisível a vida cotidiana, as experiências físicas, as estratégias pessoais e conflitos de mulheres comuns (p. 7, tradução nossa[3]).

As escritoras foram essenciais para que as mulheres se conscientizassem dos estereótipos machistas impostos sobre elas, mas, era necessário investigar todas as mulheres,

[1] No original: “In this book I identify the Feminine phase as the period from the appearance of the male pseudonym in the 1840 to the death of George Eliot in 1880; the Feminist phase as 1880 to 1920, or the winning of the vote; and the Female phase as 1920 to the present, but entering a new stage of self-awareness about 1960” (SHOWALTER, 2014, p. 11).

[2] No original: “[...] conflicts between art and love, between self-fulfillment and duty” (SHOWALTER, 2014, p. 29).

[3] No original: “In the past, investigations have been distorted by the emphasis on an elite group, not only because it has excluded from our attention great stretches of literary activity between, for example, George Eliot and Virginia Woolf, but also because it has rendered invisible the daily lives, the physical experiences, the personal strategies and conflicts of ordinary women” (SHOWALTER, 2014, p. 7).

principalmente aquelas que ainda se encontravam em conflitos com as imposições sexistas da sociedade e não conseguiam se libertar do tradicionalismo que estava presente na educação familiar durante tantos séculos. A escrita feminina precisa desconstruir os padrões que são colocados sobre as mulheres, diante disso, Showalter (2014) não aceita tratar as ideias das escritoras como “imaginação feminina”, pois, segundo ela, esse rótulo apenas reforça as limitações que o patriarcalismo reservou para o gênero feminino, tratando essa classe como seres idealizadores e sensíveis.

Com o intuito de terem os direitos autorais garantidos, na virada do século as romancistas criaram revistas para publicar suas produções: “[...] na virada do século apareceram os exemplos puros da literatura feminista, os romances, os poemas, as peças escritas como propaganda sufragista e distribuídas por imprensas sufragistas eficientes e bem financiadas” (SHOWALTER, 2014, p. 25, tradução nossa[4]). O que difere a escrita do século XIX para a escrita do século XX é que grande parte das publicações femininas no fim do século novecentista eram para representar os ideais feministas e propagar a consciência feminina sobre sua atuação limitada cerceada no mundo. Já no século XX, as mulheres começaram a desenvolver uma escrita que as satisfizessem enquanto artistas, ou seja, elas estavam finalmente utilizando a literatura como prazer e arte, e não como luta social. Nesse contexto, Woolf (2014) argumenta que na escrita do século XX:

A simplicidade natural, a era épica da escrita das mulheres, pode ter passado. A leitura e a crítica podem ter dado a ela um escopo mais amplo, uma sutileza maior. A inclinação para a autobiografia pode ter se exaurido. Ela pode estar começando a usar a escrita como arte, não como método de autoexpressão (p. 116).

Portanto, o século XX foi determinante para as mulheres em várias áreas. Após muitos anos de lutas, elas conquistaram não apenas os direitos políticos, mas também conseguiram se desvencilhar dos padrões tradicionais, sexistas da escrita literária que predominou por séculos. Já nos séculos XX e XXI, Margaret Atwood exemplifica a evolução da escrita feminina que hoje consegue alçar voos muito mais

altos, figurar personagens simbólicas sobre os papéis femininos, refletindo como a literatura de autoria feminina passou por fases distintas, como as próprias mulheres tiveram que agir de formas distintas para assegurar certo papel no mundo.

VULGO GRACE E A AMBIGUIDADE DA PERSONAGEM FEMININA

A obra analisada é de autoria de Margaret Atwood, escritora muito reconhecida pelos trabalhos desenvolvidos na área feminista. A autora tem uma vasta produção literária, que inclui romances, peças de teatro, contos, poemas, roteiros, ensaios e crítica literária, trabalhos que foram traduzidos e publicados em mais de trinta idiomas (SILVA, 2008). Atwood tem como sua principal característica literária dar voz às personagens femininas, além de abordar questões sociais que merecem ser debatidas na contemporaneidade. Suas principais referências foram Simone de Beauvoir e Betty Friedan. Seus romances mais recentes incluem *Oryx and Crake*, que foi indicado ao *Book Prize*, que se trata de um dos prêmios literários mais importantes do Reino Unido (SILVA, 2008), e *Os Testamentos*, de 2019, a continuação de *O Conto de Aia*.

Vulgo Grace se baseia na história real do assassinato da governanta Nancy Montgomery e seu patrão, Thomas Kinnear. O caso terminou com Grace Marks, de 16 anos, considerada culpada pelos dois assassinatos, em 1843, no Canadá, junto com seu comparsa, James McDermott. Diante desses fatos, Atwood promove uma história em que a própria Grace narra os fatos ocorridos não apenas no dia dos assassinatos, mas durante toda sua vida. A personagem feminina tem, pela primeira vez, a oportunidade de ser a voz ativa de sua própria história, mesmo que seja de maneira fictícia. A narrativa de *Vulgo Grace* acontece por duas vertentes, primeiramente, a história pública, a qual todos têm acesso e que a própria personagem relata ao Dr. Jordan. A segunda narrativa é uma lembrança de Grace, acompanhada de uma seletividade de fatos feitos pela personagem, dessa maneira, o leitor não tem todas as respostas, cabe a ele refletir sobre a personalidade de

Grace e se ela está mostrando a verdade dos fatos ou apenas versões que a favorecem (CARBONESI, 2017).

O título do romance provoca uma reflexão acerca da proposta da obra: o nome da figura que protagonizou o enredo vem acompanhado do termo *Alias*, que em latim significa “outros”, indicando que a personalidade dessa personagem não pode ser efetivamente decifrada, cabendo ao leitor desconstruir a face que foi popularmente divulgada sobre essa mulher na época do crime, e fazendo com que ele escolha qual versão estará disposto a acreditar: na cruel assassina ou em uma mulher que agiu pelas circunstâncias da vida (MOYANO, 2015).

Na obra, Grace Marks narra sua vida desde sua infância, em que morava com seu pai, sua mãe e seus irmãos no norte da Irlanda. Grace não teve uma família bem estruturada, tendo que lidar com a submissão de sua mãe perante os abusos psicológicos e físicos de seu pai, além da pobreza. Enquanto ela narra a vida com sua família na Irlanda, percebemos o quanto a fraqueza de sua mãe a deixa inconformada, pois a fragilidade da mãe impede que Grace viva sua infância, uma vez que ela é obrigada a agir como uma mulher e cuidar da casa. Aos 9 anos de idade, Grace teve que cuidar dos irmãos e fazer as atividades domésticas de casa, pois sua irmã mais velha havia partido para trabalhar. Ainda que eles não passassem fome, pois recebiam ajuda da tia Pauline, a vida estava cada vez mais difícil na Irlanda. Desse modo, eles partiram para o Canadá em busca de melhores condições de vida. Na viagem, a mãe morre e Grace assume completamente o papel de referência feminina de seus irmãos, deixando de ser apenas irmã e passando a assumir o papel de mãe.

Grace iniciou sua vida como empregada doméstica aos treze anos de idade, indo trabalhar na casa do conselheiro municipal de Toronto, o sr. Parkinson, a esposa, e dois filhos que estudavam na universidade nos Estados Unidos. Grace afirma que esse foi o período mais feliz de sua vida, pois foi quando conheceu Mary Whitney

[4] No original: “[...] at the turn of the century came the purest examples of feminist literature, the novels, poems, and plays written as suffragette propaganda and distributed by the efficient and well-financed suffrage presses” (SHOWALTER, 2014, p. 25).

uma outra empregada da casa que se tornou sua grande – e talvez única – amiga.

Mary Whitney era uma jovem que gostava de diversão, muito maliciosa e ousada na maneira de falar quando estávamos sozinhas [...] Eu sempre ficava espantada com as palavras que saíam de sua boca, já que muitas eram bastante grosseiras; não que eu nunca tivesse ouvido essa linguagem antes, já que havia o suficiente delas em casa quando meu pai estava bêbado, no navio em que viemos e no porto, perto das tavernas e estalagens; mas eu ficava surpresa de ouvir isso de uma garota, tão jovem e bonita, tão arrumada e asseada (ATWOOD, 2017, p. 169).

Pelas descrições, Mary Whitney era uma jovem desconstruída e com um comportamento oposto ao da maioria das jovens da época. Ela não se preocupava em se comportar de maneira padronizada e ter uma linguagem que era considerada, pelo patriarcalismo, como a ideal para o sexo feminino; desse modo, ela era uma jovem com alguns traços de liberdade que tentava se desvencilhar dos padrões sexistas e viver do seu próprio modo. Esse comportamento liberto de Mary surpreendia Grace, pois, ainda que Grace tivesse sido criada em um lar com um pai que obteve pouca educação – como sua própria tia Pauline afirmava que ele era – e frequentemente falava palavrões, ela foi educada a pensar que aquele era um comportamento comum para os homens, mas que nunca deveria ser um comportamento adotado por mulheres. Por isso, Mary se diferenciava de Grace, podendo ser classificada como uma personagem da fase feminista em muitos momentos, mas com certos traços que a fazem fugir de alguns padrões do patriarcado, oscilando entre as figurações das fases propostas por Showalter (2014), já que a própria autora afirmou que tais fases jamais poderiam ser vistas de forma estática. Nesse contexto, as duas personagens podem ser comparadas à tentativa que as autoras mulheres faziam naquela época em representar duas personalidades femininas opostas: uma mulher mais tradicional e defensora dos costumes patriarcais, e outra com um comportamento mais livre.

urante os feriados de final de ano, os dois filhos do casal Parkinson voltaram para casa, e um dos filhos,

George, ficou por mais tempo após uma forte gripe. Sua permanência coincidiu com a gravidez precoce de Mary Whitney: “Perguntei quem era o homem, mas ela não quis me dizer e disse que assim que soubessem em que tipo de enrascada estava metida seria despedida, pois a sra. Parkinson era muito severa e então o que iria acontecer com ela? [...]” (ATWOOD, 2017, p. 195). Percebe-se a posição de dificuldade em que a mulher era colocada. Os homens aproveitavam-se do privilégio que lhes era atribuído de serem os únicos responsáveis por realizarem os desejos das mulheres que sonhavam em casar e ter uma vida voltada ao lar – que era o caso da maioria – e prometiam a elas essa vida, desse modo, elas entregavam para eles o único bem precioso que a sociedade patriarcal reservou para o sexo feminino: seu corpo. Por ter consciência de sua posição e da discriminação que sofreria, Mary decidiu procurar um médico e fazer um aborto ilegal. O aborto, ainda hoje, não é permitido à maioria das mulheres devido a ideologias religiosas e outras questões, por isso, a mulher é pressionada a aceitar a gravidez mesmo que ela seja incapaz de cuidar dela mesma e de uma criança. Entretanto, não há a mesma cobrança por parte do pai da criança, ninguém condena o homem por ter abandonado um filho, ele não é chamado de assassino, como se não tivesse participação direta na gravidez, neste sentido, essa classificação de comportamento para homens e para mulheres está relacionado à teoria de Bourdieu (2019), em que o *habitus* de uma sociedade está arraigado a partir de uma cultura de divisões sociais, e, conseqüentemente, há uma dominação de poderes por parte de uma classe, sendo assim, a dominação masculina e as predeterminações instituídas aos gêneros fazem parte da ordem social. Após o aborto, Mary morre durante a noite.

Ao perder a única amiga que tinha, Grace foi trabalhar para outras famílias. Mesmo sendo muito jovem, sofria abuso dos patrões, mas, como dito, ela sabia de sua posição social e se manteve quieta. Após algumas famílias, ela conheceu Nancy, governanta do sr. Thomas Kinnear, e foi convidada para trabalhar em sua casa. O sr. Kinnear tinha apenas dois

empregados: a governanta Nancy e McDermott, que era o responsável pelos trabalhos mais pesados da casa.

Nancy era uma mulher elegante, que se vestia com brincos de ouro, vestidos finos e muito variados. Grace prestava bastante atenção nas joias e roupas da governanta, e se perguntava como ela podia comprar tudo aquilo com seu salário de governanta. Além disso, Nancy oscilava muito seu humor, tratava Grace com delicadeza em certos momentos, mas, em outros, era capaz de dar-lhe tapas no rosto. Em relação a McDermott, era um homem bruto, mal-humorado e odiava receber ordens de Nancy, para ele, era muito ofensivo receber ordens de uma mulher. Grace passou a ter desavenças com ambos, não aceitava o temperamento bruto de McDermott e nem a dupla personalidade de Nancy. Durante o relato sobre a vida na casa do sr. Kinnear, a relação entre Grace e Nancy transparece transcender a relação de trabalho delas. A rivalidade existente entre as duas mulheres fica explícita quando Grace repara em seus objetos pessoais, como brincos e roupas:

Jamie Walsh pegou um deles no copo de vidro e cobriu a boca do copo com a mão, para que eu pudesse vê-lo de perto; ele piscava lentamente, com uma luz fria e esverdeada, e pensei que, se eu pudesse ter dois vaga-lumes nas minhas orelhas, como brincos, não me importaria nem um pouco com os brincos de ouro de Nancy (ATWOOD, 2017, p. 257).

O fato é que Nancy incomodava Grace, a forma como ela havia conquistado coisas que ela mesma nunca pôde ter com seu salário de empregada. A governanta estava acima de Grace em todos os aspectos, no socioeconômico e na hierarquia da casa de sr. Kinnear, e isso fazia com que ela tivesse cada vez mais inveja de Nancy. Em oposição à empregada, Nancy rivalizava por causa da juventude de Grace, ela tinha medo de que o sr. Kinnear se interessasse por aquela mulher mais jovem. A rivalidade entre elas fica ainda mais intensa quando Grace descobre que Nancy possui um caso com o patrão, e que tudo o que ela tem é por causa da relação íntima existente entre eles dois. Grace afirma o quanto isso deixou-a furiosa e fez perder o respeito que tinha por Nancy: “[...] deixei transparecer meu desprezo e

retrucava mais do que seria prudente [...] (ATWOOD, 2017, p. 283). Com os relatos, percebe-se o quanto a educação patriarcal fazia com que as mulheres diminuíssem umas às outras, sem perceber a subjugação masculina sobre elas. Diante da educação patriarcal no ambiente familiar e no reforço das ideologias sexistas nos diversos aparelhos ideológicos, as mulheres passavam a pensar naturalmente como a grande massa machista, reproduzindo a subjugação e exclusão à outras mulheres que não seguiam os padrões sexistas, assim como entendeu Bourdieu (2019).

Após muitas desavenças, Nancy avisa a Grace que não precisará de seus serviços, e que ela e McDermott deveriam procurar outro lugar para trabalhar. Para a empregada, sua demissão não estava relacionada aos serviços, mas ao fato do patrão estar cada vez próximo dela, e Nancy tinha medo de que ele pudesse trocá-la. Por causa da demissão, McDermott decide matar a governanta e seu patrão, pois não considera justo que eles saiam perdendo para duas pessoas que tinham relação imprópria aos olhos da sociedade da época, para isso, ele pede a ajuda de Grace, argumentando que após o assassinato eles podem se casar e viver com o que conseguirem roubar do patrão. No último dia de trabalho, McDermott mata Nancy e, após algumas horas ele mata o patrão. Não se sabe, exatamente, se Grace ajuda, mas essa foi a interpretação da polícia, e Grace, como narradora, não divide com os leitores esta parte da história. Mesmo fugindo e levando os pertences do sr. Kinnear, eles são pegos pela polícia em um hotel, sendo julgados e condenados a morte posteriormente.

O fato desse assassinato é que não há provas suficientes para que Grace seja condenada à morte, pois, mesmo que ela tenha ajudado McDermott, sua pena não deveria ser a mesma do assassino direto. Entretanto, por ser uma mulher, ela é silenciada, seus discursos são distorcidos e ela não tem o direito de se defender adequadamente, pois na época as mulheres não tinham direito a fala em um tribunal. Em diversos momentos, Grace expõe seu descontentamento com o julgamento, pois McDermott tinha um tratamento diferenciado no júri:

[...] No tribunal, toda palavra que saía da minha boca parecia ser gravada a fogo no papel em que escreviam e, quando eu dizia alguma coisa, sabia que nunca mais poderia ter as palavras de volta; só que eram as palavras erradas, porque tudo o que eu dizia era distorcido, mesmo que fosse verdade absoluta. [...] (ATWOOD, 2017, p. 82).

A marginalização feminina não diminuía, apenas aumentava de acordo com seu comportamento na sociedade, e essa fala de Grace é uma metáfora sobre o quanto a mulher é silenciada e, conseqüentemente, condenada sem direito à defesa. A narrativa tenta mostrar ao leitor a subjugação sofrida por Grace, é uma forma de a figura feminina ser ouvida, ser enxergada e vista como alguém que teve seu direito de resposta roubado. Isso fica ainda mais explícito quando McDermott, mesmo sendo condenado ao mesmo crime que Grace, tem sua versão aceita pelo tribunal e pela sociedade, enquanto que os depoimentos dados pela acusada eram sempre vistos com dúvidas.

Grace é sexualizada por diversos homens da narrativa e, em alguns momentos, o leitor tem conhecimento de que ela é consciente de seu estado, mesmo sendo submissa aos padrões machistas da sociedade, é lúcida quanto a objetificação da mulher: “Uma mulher como eu é sempre uma tentação, se for possível para eles não serem observados; porque no que quer que digamos depois ninguém acreditará” (ATWOOD, 2017, p. 40). Isso reflete como a ficção tenta figurar a criticidade de algumas mulheres dessa época. Sendo assim, ao decorrer da leitura, o leitor se questiona quanto à ingenuidade da personagem principal, pois suas reflexões demonstravam que ela tinha uma visão crítica à frente de seu tempo, ao mesmo tempo em que adota atitudes de inocência e ingenuidade para condizer com o estado de mulher tradicional. Suas falas e sua dubiedade são questionadas pelo dr. Jordan:

Pode ser absolutamente franca comigo, Grace – ele disse. Não esconda nada.
Não tenho nenhuma razão para não ser franca com o senhor – ela disse. – Uma dama poderia esconder coisas, já que tem uma reputação a zelar; mas eu já estou além disto. [...]
– Não se importa que eu tenha uma boa opinião sobre você,

PGrace? Ela lançou-lhe um olhar rápido e penetrante, depois continuou a costurar.
– Já fui julgada senhor, o que quer que pense de mim não faz a menor diferença.
– Julgada justamente, Grace? – Não pôde deixar de perguntar [...]. (ATWOOD, 2017, p. 106).

Observa-se que ele interroga Grace e depois questiona as respostas dela, diante disso, podem ser evidenciados diversos pensamentos que ela tem sobre a subjugação da mulher: ainda que ela diga que não há o que preservar de si mesma, ela se contraria quando afirma que é válido uma jovem esconder alguns fatos de sua vida para preservar sua imagem. Essa constante hesitação em acreditar em Grace é um artifício da narrativa para desafiar o leitor a escolher em qual versão da personagem ele acreditará.

Outro momento que coloca essa personagem como uma mulher que age tradicionalmente para manipular o olhar da sociedade sobre si e ser aceita, é quando ela cita o próprio advogado. Ela descreve como ocorreu sua caracterização para que o tribunal a visse como uma mulher tola, e essa tolice feminina é uma das imposições do patriarcalismo sobre a mulher, pois a ignorância é a virtude de uma esposa ideal, assim como aborda Wollstonecraft (2016), ao afirmar que a literatura e outros meios de informações eram fechados para o sexo feminino.

Foi meu próprio advogado, sr. Kenneth Mackenzie, que disse a eles que sou quase uma idiota. Fiquei furiosa por causa disso, mas ele disse que essa era de longe minha melhor chance e que eu não deveria parecer muito inteligente. Disse que defenderia meu caso com o máximo de sua capacidade, porque, qualquer que fosse a verdade da situação, eu não passava de uma criança, na época, e ele achava que o caso se resumia a uma questão de livre-arbítrio e se uma pessoa o tinha ou não (ATWOOD, 2017, p. 33).

Essa caracterização foi vista pelo advogado como uma oportunidade para que ela justificasse seus atos, pois, assim, ela seria vista como uma mulher que não sabia se defender ou agir racionalmente, como era típico para pessoas do sexo feminino na visão sexista, suas atitudes deveriam ser vistas por um viés de ingenuidade. Enquanto McDermott era visto como pertencente a uma classe intelectualmente evoluída e forte, Grace foi caracterizada como

“fraca”, tola, manipulável. Grace agiu a favor de todas as expectativas da classe dominante sobre uma mulher, evidenciando que pode haver a dupla personalidade da personagem: uma real, em que ela é consciente da submissão da mulher, e uma inventada, para sua sobrevivência.

Em certos momentos, Grace tenta se desvincular das responsabilidades que seriam colocadas sobre ela caso ela revelasse fatos do assassinato, sendo assim, a narrativa apresenta alternativas que fazem o mistério sobre a participação da personagem no assassinato se manter presente: “de qualquer forma, não consigo me lembrar de outra coisa, mas parece que perdi completamente essa parte da memória. Eles deveriam ter dito isso para o senhor” (ATWOOD, 2017, p. 53). Ela se exime da responsabilidade de contar fatos que não lhe seriam favoráveis, ao dizer, por exemplo, que é inocente, ela teria que contar uma narrativa que a fizesse ser vista como inocente, algo que é difícil diante dos fatos do crime. Com essa atitude de se isentar da culpabilidade ou da inocência, é criado um outro caminho de análise da personagem: dubiedade e mistério.

Na narrativa não há qualquer indício que identifique qual é a real história sobre o assassinato. Em alguns momentos, o leitor se depara com a intencionalidade de Grace em acrescentar na história fatos sensacionalistas para satisfazer o doutor: “Por ele ter sido tão atencioso me trazendo esse rabanete, prepare-me de boa vontade para contar minha história e torná-la tão interessante quanto puder, rica em incidentes, como uma espécie de retribuição a ele; pois eu sempre acreditei que um ato de generosidade merece outro em troca” (ATWOOD, 2017, p. 273). Grace pode estar sendo seletiva e favorável a si mesma, assim como em outros momentos em que a personagem deixa em dúvida se contará realmente a verdade dos fatos: “talvez eu lhe conte mentiras, eu digo” (ATWOOD, 2017, p. 53). Diante de passagens que colocam em dúvida a versão da personagem, traça-se uma narrativa dinâmica, em que não se apresenta uma verdade definida sobre a protagonista, mas várias interpretações.

Outra perspectiva que traça essa

face dúbia e misteriosa de Grace é a intimidade que se constrói entre ela e o Dr. Jordan: ele não consegue discernir se as atitudes dela são naturais ou se são uma tentativa de sedução. Sabendo de todo o encanto e características positivas para uma mulher atrair um homem, ela descreve sua própria história ao doutor, dessa forma, a narrativa constrói uma imagem de mulher frágil, doce, ingênua e recatada. A relação entre ela e o dr. Jordan se torna muito próxima. Não se concluiu na obra se tudo o que ela faz é, de fato, para seduzi-lo, uma vez que ela demonstra ser naturalmente daquela forma, mas, a partir de uma análise fragmentada do romance, o leitor pode questionar a intencionalidade dessas atitudes, se tratando de uma mulher que demonstra ser lúcida quanto a algumas ideologias sexistas:

[...] Ela enfiava a linha na agulha; molhou a ponta da linha na boca, para facilitar, e esse gesto lhe pareceu ao mesmo tempo completamente natural e insuportavelmente íntimo. Sentiu como se a estivesse olhando se despir, através de uma rachadura na parede; como se ela estivesse se limpando com a língua, como uma gata (ATWOOD, 2017, p. 107).

Essa passagem do romance descreve, com efeito, como o Dr. Jordan se sente atraído por sua paciente, ao mesmo tempo em que se sente confuso, pois não há a certeza de que Grace esteja fazendo tudo isso com algum objetivo. Há a comparação da mulher a um animal, mas, dessa vez, há erotização nessa comparação, pois o Dr. Jordan a vê como uma gata em um momento íntimo. Vale ressaltar que o machismo expõe a mulher a uma erotização desproporcional quando qualquer atitude sua é idealizada a uma tentativa de sedução, sendo assim, a atração que ele sentia pela sua paciente pode ter ocasionado nas diversas passagens em que ele se sente seduzido. Como aborda Simone de Beauvoir (1970), as mulheres eram associadas ao pecado e à sedução, isso se explica, pois a própria Bíblia associava o sexo feminino a esse estado de perversidade, quando, por exemplo, Eva influenciou Adão a comer o fruto proibido.

Durante toda a sessão de tentativa de recuperar a memória de Grace, o Dr. Jordan não consegue ter uma opinião conclusiva para o caso,

sendo assim, ele opta por uma sessão de hipnotismo liderada por DuPon, famoso hipnotizador na época. Na verdade, DuPon era um velho conhecido de Grace, Jeremias, que anos antes era um mascate e vendia roupas para empregadas domésticas. Mas, nem Jeremias nem Grace revelam este segredo. A seção de hipnotismo é o único momento em que o leitor consegue ter algumas justificativas para o crime, entretanto, o mistério permanece presente. Durante a sessão, a jovem tem atitudes totalmente contrárias ao seu comportamento de mulher recatada, uma vez que ela “incorpora” a alma de sua falecida amiga Mary Whitney, e tem discursos agressivos contra as pessoas presentes, inclusive contra o dr. Jordan, quando ele é direto e pergunta se ela teve relações sexuais com McDermott:

Relações, doutor? O que quer dizer? [...] – Francamente, doutor, você é um grande hipócrita! Quer saber se eu o beijei, se eu dormi com ele. Se eu era sua amante! Não é isso? [...]

– Você gostaria de saber, então eu lhe conto. Sim, eu o encontrava lá fora, no quintal, de camisola, sob o luar. Eu me apertava contra ele, deixava que ele me beijasse e me tocasse também, por todos os lugares, doutor, os mesmos lugares em que gostaria de me tocar, porque eu sempre adivinho, eu sei no que está pensando quando está sentado naquela salinha abafada comigo. Mas isso era tudo, doutor. Era só isso que eu o deixava fazer. Eu o tinha na palma da minha mão e ao sr. Kinnear também. Os dois dançavam conforme a minha música (ATWOOD, 2017, p. 439).

De acordo com a história, essas palavras não eram, de fato, de Grace, mas são resultados da possessão ou do hipnotismo. Sendo assim, mais uma vez ocorre a ideia de dubiedade na narrativa, não havendo respostas que concluam sobre a real personalidade da protagonista. O leitor se depara com diversas dúvidas que são potencializadas quando a personagem principal se caracteriza como um ser ambíguo e não há conclusão sobre a veracidade da sessão de hipnotismo, desse modo, a narrativa percorre um caminho totalmente inconclusivo, em que as expectativas do leitor e dos próprios personagens em ter conhecimentos sobre a memória que Grace supostamente perdeu são frustradas, pois parece que não há a possibilidade de alcançar essas respostas mesmo no final do romance.

CONCLUSÃO

Observa-se como ocorreu a dominação masculina em diversos papéis sociais, ao contrário das mulheres, que tiveram seus acessos limitados ao lar. A inferiorização feminina era reforçada pelos principais aparelhos ideológicos, e mesmo o ser humano nascendo sem qualquer conhecimento das concepções de valores presentes na coletividade, ele é inconscientemente incluído aos padrões estéticos e ideológicos desenhados pela sociedade. Sendo assim, ainda que as mulheres fossem oprimidas pelo patriarcalismo, essa subjugação não era percebida por elas, pelo contrário, era vista como natural. Somente a partir do século XVIII começaram a surgir, timidamente, as primeiras manifestações das mulheres por direitos de igualdade. Por estarem presas a rótulos que estiveram presentes por tantos séculos na educação familiar e na convivência social, as conquistas por liberdade ocorreram lentamente, atingindo a literatura, mais efetivamente, no início do século XX.

Em *Vulgo Grace*, diante das figurações femininas no romance, o leitor percebe que algumas mulheres daquela época já eram críticas quanto ao papel e opressão do sexo feminino. Embora as mulheres fossem submissas às imposições sexistas, a narrativa demonstra que algumas delas já refletiam sobre as incoerências do patriarcalismo em relação à suposta superioridade masculina e diferença de tratamento para homens e mulheres. Grace Marks dá indícios de sua criticidade em relação ao machismo que a cerca, entretanto, ela não se opõe a esse papel de mulher subjugada, justamente por entender que sua marginalização seria ainda mais intensificada caso ela não fosse subserviente a esse sistema machista.

O romance de Atwood permitiu uma análise multifacetada da personagem principal, em que as principais questões que evidenciam a inferiorização da figura feminina estão ligadas ao gênero e à classe social que ela ocupa na sociedade. Em *Vulgo Grace*, a personagem tem, pela primeira vez, a oportunidade de ser protagonista de sua própria história, já que não tivera voz em seu

próprio julgamento. Ao contar sua história, Grace estabelece um jogo com seu entrevistador em que ela não é clara o suficiente em sua narrativa, e nem o leitor nem o Dr. Jordan são capazes de identificar a sua inocência ou culpabilidade no crime. A narrativa em primeira pessoa leva o leitor a se enredar na ambiguidade de Grace, e parece que seu mistério e sua dubiedade são suas maiores armas contra as ordens patriarcais e injustas que a cercam.

Por um lado, pode-se imaginar que Grace seja, de fato, uma assassina, mas tenha usado de uma máscara de inocência e tolice para se livrar da pena de morte, subvertendo, assim, as próprias ideologias patriarcais a seu favor. Se tal sociedade queria que as mulheres fossem eternamente tolas, inocentes, ingênuas, Grace poderia ter assumido esse papel a seu favor, e a desculpa da falta de memória pode ser seu meio de não se responsabilizar pelo que teria ocorrido, já que nem poderia ser testemunha do crime. Anos depois, na prisão, as entrevistas ao Dr. Jordan poderiam ser vistas como a continuidade de seu papel de mulher boba, que não teria consciência do próprio poder de sedução. Por outro lado, Grace pode mesmo ter sido uma jovem inocente, manipulada por Mcdermott, já que era uma adolescente de apenas 16 anos, que mal frequentara a escola e havia passado por um lar abusivo. Assim, seu advogado teria se aproveitado disso e reforçado tais características no tribunal, falando por ela, agindo como se ela fosse incapaz. Em parte consciente disso, e talvez realmente sem memória do ocorrido, Grace poderia ter se deixado manipular, por entender que só assim teria alguma chance de não ser enforcada. Cabe ao leitor tentar escolher qual das versões de Grace prefere acreditar. A narrativa conduz o leitor justamente a ter estas oscilações sobre o caráter de Grace, sobre sua participação no crime, sobre ela subverter as imposições patriarcais ou não a seu favor.

REFERÊNCIAS

ATWOOD, Margaret. **Vulgo Grace**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

CARBONESI, Joana Rios Ribeiro Maria. **Gênero, Pós-Modernismo e Romance Histórico**: uma análise sobre *Alias Grace*, de Margaret Atwood. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 11, 2017, Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: 2017.

MATOS, Maria Izilda S.; SOIHETE, Rachel. O **Corpo Feminino em Debate**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 2003.

MICHEL, Andrée. **O Feminismo**: Uma abordagem histórica. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MOYANO, Thiago Marciel. **Delineando Fronteira**: deslocamentos e subjetividades em *Alias Grace* (1996) de Margaret Atwood. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SHOWALTER, Elaine. **A literature of Their Own**. London: Virago Press, 2014.

SILVA, Suênio Stevenson Tomaz da. **As Tensões entre os aspectos utópicos e distópicos em Surfacing de Margaret Atwood e As Parceiras de Lya Luft**. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) – Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2008.

WOOLF, Virginia. **Um Teto Todo Seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

WOOLF, Virginia. **Mulher e Ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos Direitos da Mulher**. São Paulo: Boitempo, 2016.

Artigo recebido em: 20 out. 2020. | Artigo aprovado em: 25. nov. 2020.

[i] É professora adjunta da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), no curso de Letras - Língua e Literaturas Portuguesa e Inglesa (campus Vale do Rio Madeira - Humaitá). Possui doutorado em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de São José do Rio Preto; mestrado em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM); graduação em Letras - Língua Inglesa e Língua Portuguesa pela mesma instituição.
Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-2795-8062>
E-mail: elisregi@ufam.edu.br

[ii] É discente do curso de Letras da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), campus Vale do Rio Madeira - Humaitá. Foi bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) por dois anos consecutivos, atuou no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) de Língua Inglesa e, atualmente, participa do Programa Residência Pedagógica de Língua Portuguesa.
Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-5450-9089>
E-mail: biabraz21@yahoo.com.br
